

Futuros possíveis dos mundos sociais mais que humanos: entrevista com Anna Tsing

**Possible futures of the more-than-human social
worlds: interview with Anna Tsing**

Luz Gonçalves Brito¹

<https://orcid.org/0000-0002-1639-3721>

luzgonbrito@gmail.com

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS, Brasil
Doutoranda em Antropologia Social (bolsista Capes)



Anna Tsing.
Foto: Feifei Zhou.

Anna Tsing leciona no Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia-Santa Cruz. Seu livro *The mushroom at the end of the world*¹ foi laureado pelo Victor Turner Prize e pelo Gregory Bateson Prize, em 2016.

1 Ver Tsing (2015b).

O trabalho plenamente maduro de Anna Tsing impulsiona a força da descrição crítica como um dos mais relevantes aspectos da prática antropológica. Tsing entende que tal forma de descrição é uma responsabilidade de antropólogas e antropólogos em tempos de tamanha turbulência e complexidade. Com poucos de seus textos traduzidos para o português, esta entrevista se soma a dois artigos, um ensaio e também a uma coletânea recentemente publicada.² Realizei a entrevista presencialmente, no início de março de 2020, durante breve passagem pela cidade de Santa Cruz, Califórnia, em uma viagem etnográfica no contexto de meu estágio de doutorado-sanduiche na Universidade da Califórnia-San Diego.

Entrevista

Luz Gonçalves Brito: Você poderia nos contar como descobriu seu interesse pela antropologia?

Anna Tsing: Há muitas histórias que se poderia contar para responder a essa questão. Para mim, a jornada da vida é sempre um conjunto de contingências históricas em vez de uma viagem predeterminada. Algumas coisas se juntam, algo novo acontece e muda o que somos e para onde vamos. Talvez isso seja importante, penso eu, porque algo do sentido do self que o Iluminismo difundiu envolve o homúnculo predeterminado que apenas passa pela vida se preenchendo. Entretanto, jamais foi esse o tipo de vida que vivi. Muitos eventos históricos específicos mudaram a mim e quem eu era. Um episódio na história de como me tornei uma antropóloga foi no tempo em que fui para Yale University. Quando me matriculei no meu primeiro curso de antropologia, eu nunca tinha ouvido falar sobre o tema. Eu queria estudar ciência e tive um orientador sexista e novato que disse: “Garotas não podem estudar ciência. Não assinarei sua grade curricular a não ser que você estude humanidades.” Então

2 Ver Tsing (2015a, 2018, 2019, 2021). As últimas referências dizem respeito respectivamente ao livro editado por Thiago Cardoso e Rafael Devos e ao ensaio apresentado por Tsing na Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia. Escrevi também, logo após o lançamento do livro durante a ReACT, uma resenha (Gonçalves Brito, 2019).

ele me matriculou em uma série de cursos e tópicos sobre os quais eu nunca tinha ouvido. E um deles era antropologia. Entretanto, tive a sorte de ter a aula com Sidney Mintz, que era um excelente professor para 600 estudantes, em uma enorme sala de aula. Ele definia a antropologia como estudo de pessoas politicamente desimportantes. Eu achei que era um modo emocionante de pensar o mundo. Ele conversava conosco sobre as guerras dos Estados Unidos e sobre o Sul Global, estudando-os pela perspectiva de camponeses, e não pela dos generais e presidentes.

Luz Gonçalves Brito: Quais pontos em sua pesquisa você consideraria cruciais?

Anna Tsing: O tipo de pesquisa que me interessa mais começa pelos detalhes no mundo, e constrói questões maiores por meio desses detalhes. Então, em certo sentido, me orgulho de ser alguém que não desiste de descrever o mundo, mesmo enquanto tenta levantar pontos grandes a partir disso.

Luz Gonçalves Brito: Alguns de seus textos, especialmente o livro *The mushroom at the end of the world*, apresentam uma relação intrincada entre observação e análise, que me lembra de Strathern e sua ideia de efeito etnográfico. Qual o seu entendimento da relação entre etnografia e teoria?

Anna Tsing: Strathern tem sido uma grande inspiração para mim, pois mesmo quando ela explorou questões enormes, ela sempre foi completamente dedicada em fazer e ler etnografia, e também em trazer etnógrafas e etnógrafos em sua escrita. Para mim, algo que realmente se sobressai em sua escrita e na contribuição de Strathern é que ela encontrou etnografias que de outra maneira permaneceriam obscuras, usou os detalhes desses trabalhos e construiu grandes achados teóricos. Essa é uma das partes mais maravilhosas de seu trabalho. E, em meu próprio trabalho, me esforço para dar impulso aos detalhes da descrição como um modo de fazer trabalho teórico. Para mim, uma das tarefas da antropologia é descrever o mundo. E fazer isso bem. Isso requer o trabalho teórico, mas também não perder de vista a descrição crítica.

Luz Gonçalves Brito: Se você pudesse definir socialidade mais que humana brevemente, o que diria?

Anna Tsing: Desde que eu entendi inteiramente que não humanos fazem parte de mundos sociais, construindo eles próprios relações sociais com humanos, mas também com outros não humanos, de repente me pareceu estranho que as então chamadas ciências sociais apenas se interessem por relações humanas, tendo negligenciado completamente as relações sociais de não humanos. Uma vez que entendi isso, fez muito mais sentido olhar para relações sociais de humanos e não humanos, que frequentemente são capturados em um mesmo conjunto de relações entre si como parte de uma mesma rede de socialidade. Por exemplo, há um grande debate nas humanidades ambientais sobre o uso do termo “invasivo” para descrever plantas. Em todos os casos que conheço, quando uma planta é retirada de suas ecologias nativas, isso faz parte de um projeto de conquista humana. Quando europeus vieram para o Novo Mundo e trouxeram doenças com eles, as doenças propagaram-se e mataram uma grande quantidade de povos indígenas nas Américas. Esse é um efeito de socialidade mais que humana. As doenças têm suas próprias relações sociais com humanos, europeus e não europeus. E, se quisermos entender a conquista humana, precisamos olhar para a socialidade não humana, incluindo as relações sociais dos patógenos.

Luz Gonçalves Brito: Quais são as possibilidades futuras para o estudo da socialidade mais que humana? Quais são os aspectos vitais que devemos considerar quando abordando esse tipo de estudo?

Anna Tsing: Outra vez, vou enfatizar que antropólogas e antropólogos podem contribuir descrevendo o mundo ao redor de nós e, particularmente, esse mundo de terror em que estamos agora. Nesse tempo chamado Antropoceno, a antropologia é realmente necessária para se descobrir como humanos e não humanos caminham juntos tanto para destruir a habitabilidade como para navegá-la e manter vivos bolsões de habitabilidade. Um outro aspecto que estou interessada neste momento é o que chamo dinâmicas ferais, isto é, o envolvimento de não humanos nos projetos humanos de construção de infraestruturas imperiais e industriais. Trata-se de como não humanos sem o controle humano se tornam algo novo exatamente por seu envolvimento nesses projetos humanos. Esse aspecto da socialidade não humana estudada pela antropologia é da maior importância para se entender o mundo hoje e pode

envolver coisas não viventes, tais como plástico, radioatividade ou toxinas, que são parte da vida humana hoje. Ao lado da política, cultura, desigualdades sociais e todas as coisas que antropólogas e antropólogos gostam de estudar, há os patógenos. Há uma preocupação geral com o coronavírus neste exato momento.³

Luz Gonçalves Brito: Algumas pesquisas têm apresentando uma importante contribuição referente à socialidade não humana. O que você acha que pode ser feito para superarmos os limites de nossa própria subjetividade humana e apreender a socialidade não humana sem a armadilha de nossos julgamentos antropocêntricos?

Anna Tsing: Penso que ainda que a linguagem seja realmente importante, não deveríamos superenfatizá-la. Outros pensadores como Eduardo Kohn⁴ levantaram a questão de que um modelo linguístico de significações, mesmo se isso nos interessa, não nos leva além do entendimento de que há muitos tipos de significação não orientados pela linguagem. Para mim, a questão vai mais longe do que isso porque penso que socialidade não diz respeito somente à significação, mas às práticas de viver juntos. E isso é algo que, com ou sem linguagem, conhecemos enquanto seres humanos e estudamos enquanto antropólogas e antropólogos. Por exemplo, estou sentada nesta cadeira, a qual eu não fiz, mas que esse café nos ofereceu para sentar. Um pássaro poderia estar aqui, pousar nessa cadeira e usá-la como um *affordance*. A atenção a modos de estar no mundo e às práticas de outros e seus impactos no mundo, para mim, é uma forma de ir além da ideia de que humanos e não humanos não temos a mesma linguagem. Pássaros respondem enormemente a projetos humanos. Estou trabalhando em um pequeno projeto de pesquisa na Indonésia agora, e parte dele é observar como pássaros estão interessados no que humanos estão fazendo. Por exemplo, jardins humanos se tornam um ótimo espaço para pássaros

3 Um mês após nossa reunião, perguntei à Anna Tsing, por e-mail, o que teria a dizer sobre a situação da pandemia de Covid-19, e ela respondeu que, “conquanto no início de abril a situação é tão cristalina como musgo, penso que são úteis os seguintes pedaços de comentário sobre o vírus: o ensaio de Kate Brown no *The New Yorker*; o recente podcast de Rob Wallace no *The American Scholar* e o artigo de Bruno Latour”; ver, respectivamente, Brown (2020), Bastek (2020) e Latour (2020).

4 Ver Kohn (2013).

porque servem como uma abertura em que podem pousar em árvores, olhar ao redor, procurar alguma comida que eles gostam. Sem linguagem, estamos sempre respondendo ao trabalho uns dos outros no mundo; às formas com que cada espécie tem de transformar o mundo.

Luz Gonçalves Brito: Ao menos desde seu texto “The global situation”,⁵ você parece cultivar o interesse teórico por escala e escalabilidade de largos projetos epistemológicos e políticos, tais como humanismo e globalização. Seus estudos apresentam um entendimento específico e relevante sobre as relações entre local e global. Você mostrou que os projetos de globalização apenas podem ser entendidos em suas manifestações históricas e lugarizadas.⁶ Sua abordagem da localidade e globalidade é inspirada pela contribuição de Strathern e da noção deleuziana e guattariana de multiplicidade?

Anna Tsing: Com certeza. Mas acho que eu começaria antes. Quando fiz minha primeira pesquisa antropológica na Indonésia,⁷ como estudante de doutorado em Stanford, a antropologia estava ainda em um período em que etnógrafos e etnógrafas descreviam os lugares que estudavam como autocontidos, como pequenos planetas autônomos. E eu me vi em uma situação de campo onde aquilo não funcionaria. As pessoas eram completamente autoconscientes sobre serem parte de redes sociais regionais, nacionais e por vezes mesmo globais. Ainda que fossem um exemplo clássico de um “lugar fora do caminho”,⁸ as pessoas não se viam desse modo. Eu comecei a partir daquele campo

5 Ver Tsing (2000).

6 Os sentidos do termo “placed” não são inteiramente abarcados se o traduzimos pela palavra “localizado”. Prefiro usar a ideia de “lugarizado”, que não se trata somente de mera tradução, mas remete ao que denomino lugarização. Em diálogo com Casey (1996), Malpas (1999) e Ingold (2000), entendo lugarização como os modos pelos quais os lugares acontecem a partir das diferentes práticas humanas e não humanas em relação aos espaços físicos. Através de suas presenças corpóreas nos ambientes, os seres os experienciam, constroem e transformam em lugares vividos. O conceito de lugarização refere-se ainda à percepção e relação específica que diferentes coletivos têm com seus ambientes e é exatamente através dessa percepção e relação que alguns espaços aparentemente indiferenciados são então lugarizados, expressando identidades, afetos, narrativas e projetos e formas de vida.

7 Ver Tsing (1984).

8 Ver Tsing (1993).

a tentar desenvolver uma análise na qual mesmo as coisas que alguém de fora achava as mais estranhas, peculiares ou exóticas sobre esse lugar eram já parte de um diálogo com coisas que estavam acontecendo em outros lugares. Então, naquele ponto, eu quis mostrar como coisas que haviam sido entendidas no passado como locais eram também parte de circulações globais. Naquela época, em que trabalhei no meu livro *Friction*,⁹ a perspectiva de que lugares locais não precisam ser vistos como unidades autocontidas era de certa forma um sucesso na antropologia. Porém, naquele ponto, o global era muito frequentemente visto como uma força homogeneizante, como tinta espargindo pela página e tornando tudo da mesma cor, em vez de estar sempre em si mesmo enraizado em experiências locais, ainda que os incentivadores dessas experiências o negassem e vissem a si mesmos como promovedores de algo universal. Naquele trabalho, eu quis mostrar que a globalidade sempre era universal em relação a um conjunto particular de histórias e experiências. Assim, foi esse processo que me levou a pensar em Strathern, Deleuze e muitos outros que vieram a fazer parte do meu pensamento sobre a escala. Tornou-se crescentemente nítido que as noções mais convencionais de escala eram em si mesmas parte do problema que impedia etnógrafas e etnógrafos de saber o que estava acontecendo. Quando eu me volto para o estudo de não humanos em meu trabalho, torna-se ainda mais evidente que certos tipos de noções de escala conduzem a um sentido clássico de escalabilidade, isto é, expansão sem transformação (construída no mundo por meio de um certo tipo de estética tecnológica moderna) que nunca ocorreu, ainda que se afirme que ocorra. Embora nunca seja uma parte automática do mundo, a tecnologia por todos os lados tenta nos convencer que esse tipo de escalabilidade – essa expansão sem transformação – é apenas uma coisa natural que te permite ver palavras no seu telefone que ficam menores ou maiores dependendo do movimento dos seus dedos.

Luz Gonçalves Brito: Esse entendimento da globalidade e localidade tem relação com sua preocupação com a incomensurabilidade das escalas de análise?

9 Ver Tsing (2005).

Anna Tsing: Incomensurabilidade das escalas é um ponto distinto, algo mais novo em meu trabalho. Estava lá em *Friction*, mas eu venho me debruçando sobre isso mais recentemente, de modo a entender como escalas trabalham. A escala deve ser a mais apropriada unidade de análise dependendo do que você está estudando. Quando você segue esse princípio você encontra muitas escalas que não se coadunam. Estou trabalhando agora em um atlas feral¹⁰ no qual há muitos mapas que propositalmente não cabem uns nos outros. É impossível colocá-los juntos porque eles se referem a objetos de pesquisa que não são utilmente dissolvidos uns nos outros. Um de nossos mapas, por exemplo, é um mapa de piolhos de salmão, que são parasitas agarrados na lateral dos salmões. Não é possível colocar isso no mapa GIS,¹¹ a não ser pela perspectiva do problema dos piolhos de salmão, causado pela pesca industrial de salmão, que concentra muitos peixes juntos. Muitos desses peixes têm suas peles completamente cobertas por esses piolhos e perdem a vida. E os parasitas se reproduzem, saem dos currais e afetam os peixes selvagens. Se você apenas olha para o quadro de um piolho na lateral do peixe, isso é um mapa. Um mapa de como piolhos de salmão e peixes interagem uns com os outros dentro de um certo campo espacial. Mas é completamente incomparável, incomensurável com um mapa de currais de salmão. Todos esperavam que esse atlas feral contivesse em sua base um sistema GIS no qual um mapa absoluto traria junto todos os outros mapas. Nós recusamos isso porque entendemos que mapas devem ser incomensuráveis para nos mostrar o que estamos olhando.

Luz Gonçalves Brito: Há alguns anos atrás Donna Haraway¹² escreveu sobre o conceito de Antropoceno, questionando as possibilidades da noção em relação com as implicações concretas mais amplas da ação humana na face da Terra. Ela discutiu também as noções de Capitaloceno e Chthuluceno. Qual sua posição em relação a essas noções? Você escolheria alguma delas para descrever acuradamente as mudanças ambientais globais?

10 O atlas, editado por Anna Tsing em conjunto com Jennifer Deger, Alder Keleman Saxena e Feifei Zhou, está disponível on-line; ver Tsing *et al.* (2021).

11 Sigla em inglês para Sistema de Informação Geográfica.

12 Ver Haraway (2016).

Anna Tsing: Para mim, palavras são cheias de possibilidades. Elas não significam apenas uma coisa e têm múltiplos usos. Antropoceno é uma palavra útil para algo em particular, que é o diálogo entre disciplinas quando queremos trazer cientistas naturais, cientistas sociais, artistas, humanistas, engenheiros em uma mesma sala para conversar juntos. Antropoceno é uma palavra útil. Concordo com Haraway que a palavra tem muitas falhas e que precisamos de mais palavras, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno – todas essas palavras. Eu encontro muito prazer em empilhar palavras e, de fato, penso que alcançamos uma melhor descrição à medida que continuamos empilhando modos de entender o Antropoceno. Tenho sustentado a palavra Antropoceno como uma ferramenta de diálogo e acho também que é muito importante.

Luz Gonçalves Brito: Quais são os futuros possíveis de uma antropologia do Antropoceno?

Anna Tsing: Eu penso que antropólogas e antropólogos são muito necessários para os desafios de nosso tempo. O Antropoceno oferece oportunidades ao mesmo tempo terríveis e maravilhosas para descrever o mundo de novos modos e sobre todos os novos envolvimento ao redor. Eu me preocupei quando antropólogas e antropólogos pareciam satisfazer-se apenas em levantar questões teóricas obscuras, em vez de perceber que temos uma missão de descobrir o que está acontecendo. Eu argumentaria que ninguém além de nós está interessado em ir a todo tipo de pequenas e estranhas localidades, seja lá onde estejam, se na porta ao lado ou em algum lugar diferente, e descobrir o que está acontecendo lá. E isso é tão necessário agora. Em vez de instrumentos de modelos globais ou grandes conjuntos de dados, precisamos dessas descrições que vêm da prática etnográfica. Eu amaria ver a antropologia se levantar para esse trabalho, o qual nos fornece tantas coisas para colocarmos nossa atenção. Esse mapa feral foi pensado como uma ferramenta inspiradora para descrever o Antropoceno, de modo a pensar em novos tipos de projeto de pesquisa que não nos permitíamos no passado.

Luz Gonçalves Brito: De acordo com Humberto Maturana e Verden-Zöllner,¹³ a matriz relacional da existência está fundada na biologia do amor. Enquanto

13 Ver Maturana e Verden-Zöllner (2004).

cientistas, humanos, parecemos ter perdido esse terreno amoroso. Você em alguns momentos mencionou que os coletores dos cogumelos *matsutake* amam sua tarefa e amam a terra, e que nós pesquisadoras e pesquisadores poderíamos também “amar nossos materiais”.¹⁴ Qual seu entendimento do amor no âmbito da socialidade não humana?

Anna Tsing: Dois de meus colegas escreveram um trabalho sobre essa questão que aparecem em *American Ethnologist*. Escreveram juntos sob um codinome, Mogu Mogu.¹⁵ Trata-se de uma pequena seção sobre *matsutake* e me refiro a ela porque é realmente muito boa. Eles procuraram por um biólogo japonês para estudar *matsutake* e ele estava interessado no porquê de plantas e fungos terem afinidade entre si. Muitas espécies de plantas usam fungos para reunir água e nutrientes, assim como os fungos precisam das plantas para ter açúcar. Ele queria chamar essa relação entre plantas e fungos de amor. Penso que é bastante interessante como ponto de partida, para ver as mutualidades nas quais estamos todos imersos. Se tem algo que revolucionou o campo da biologia nos últimos 25 anos foi a ideia da interdependência interespecífica. Não se sabia disso antes. No século XX, muitos biólogos pensavam que cada espécie estava por si, apenas tentando manter-se longe de predadores, comer o máximo possível e reproduzir. Mas agora essa ideia mudou muito. Está nítido que nenhum organismo individual pode tornar-se ele mesmo sem interações interespecíficas. Esse conjunto de mutualidades através das quais nos tornamos nós mesmos é talvez um pedaço desse tipo de amor. Um dos fenômenos mais estranhos de nosso tempo é o ressurgimento de um sonho de ficção científica dos anos 1950, segundo o qual humanos deveriam ir para outros planetas como modo de escapar da Terra deteriorada. Esse é um ato de completa recusa de tudo que sabemos sobre ecologia e biologia. A recusa de que humanos apenas podem sobreviver com um conjunto de outras espécies e a ideia do escape sem a companhia de outras espécies mostram os modos que a subjetividade, afeto e tudo que achamos que fazem de nós o que somos foram distorcidos pelas ideologias do Antropoceno, as quais nos fazem pensar que devemos ser mestres do resto

14 Ver Tsing (2010).

15 O texto citado por Tsing é um trecho chamado “Traduções micorrizais, um manifesto cogumelo” encontrado em Choy *et al.* (2009).

do mundo, em vez de elementos do resto do mundo. Agora, mais do que nunca, é tempo de aprender das filosofias indígenas, nas quais as relações de parentesco entre humanos e não humanos existem por toda a parte. Aprender que não se pode bagunçar o mundo sem envolver todo nosso parentesco, humano e não humano.

Referências

BASTEK, S. How global agriculture grew a pandemic. *The American Scholar*, Washington, DC, 13 Mar. 2020. Disponível em: <https://theamericanscholar.org/who-should-we-blame-for-coronavirus/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

BROWN, K. The pandemic is not a natural disaster. *The New Yorker*, New York, 13 Apr. 2020. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/annals-of-inquiry/the-pandemic-is-not-a-natural-disaster>. Acesso em: 28 jun. 2020.

CASEY, E. How to get from space to place in a fairly stretch of time. In: FELD, S.; BASSO, K. (ed.). *Senses of place*. Santa Fe: School of American Research Press, 1996. p. 13-51.

CHOY, T. K. *et al.* A new form of collaboration in cultural anthropology: matsutake worlds. *American Ethnologist*, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 380-403, 2009.

GONÇALVES BRITO, L. TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. 284 p. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 25, n. 55, p. 353-357, set./dez. 2019.

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica*, Campinas, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

INGOLD, T. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

KOHN, E. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press, 2013.

LATOURE, B. Where to land after the pandemic? A paper and now a platform. In: BRUNO LATOUR. [S. l.], 29 Mar. 2020. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/node/852.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.

MALPAS, J. Introduction: the influence of place. In: MALPAS, J. *Place and experience: a philosophical topography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 1-18.

MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo: Palas Athenas, 2004.

TSING, A. *Politics and culture in the Meratus mountains*. 1984. Dissertation (PhD) – Stanford University, Stanford, 1984.

TSING, A. *In the realm of the diamond queen: marginality in an out-of-the-way place*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

TSING, A. The global situation. *Cultural Anthropology*, [s. l.], v. 15, n. 3, p. 327-360, 2000.

TSING, A. *Friction: an ethnography of global connection*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

TSING, A. Alien vs. Predator. *STS Encounters-Research papers from DASTS*, [s. l.], v. 1, n. 1, 2010.

TSING, A. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015a.

TSING, A. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton: Princeton University Press, 2015b.

TSING, A. Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos). *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, Pelotas, v. 15, n. 30, p. 366-382, 2018.

TSING, A. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, A. O antropoceno mais que humano. *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021.

TSING, A. *et al.* (ed.). *Feral atlas: the more-than-human Anthropocene*. Stanford: Stanford University Press, 2021. Disponível em: <https://feralatlans.org>. Acesso em: 19 jul. 2021.

Recebido: 31/08/2020 Aceito: 20/01/2021 | Received: 8/31/2020 Accepted: 1/20/2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.